

A TRAJETÓRIA E ATUAÇÃO POLÍTICA DE ALUÍSIO LOBO EM CAXIAS-MA, ENTRE AS DÉCA- DAS DE 1960 E 1980.

Maykon
Albuquerque
Lacerda

Graduado em
Licenciatura
em História pela
Universidade Estadual
do Maranhão

Recebido: 20/05/2022
Aprovado: 28/06/2022

RESUMO

Esta pesquisa histórica versa sobre a trajetória e atuação política do ex-militar Aluísio Lobo, que fora ex-prefeito da cidade de Caxias-MA, entre as décadas de 1960 e 1980. Assim, no contexto político-partidário do regime civil-militar brasileiro, pretendemos refletir sobre as relações de poder local capitaneadas pelo ex-prefeito retratado, e a nível estadual pelo então governador maranhense, José Sarney (1966-1970), em meio às censuras, acusações de perseguições, denúncias de fraudes, e resistências populares deflagradas em Caxias, enquanto cidade interiorana do estado do Maranhão. Em termos teórico-metodológicos, partimos de uma pesquisa bibliográfica, com ênfase em: Capelato (1988); Dosse (1990), Rémond (2003), Napolitano (1998), entre outros. Portanto, este trabalho, que se encontra em andamento, torna-se essencial ao evidenciarmos os inúmeros conchaves político-partidários costurados e exemplificados pelo apoio da elite econômica e política do interior maranhense, ao Golpe de 1964, bem como pela realização da eleição estadual de 1965, e pela atuação da imprensa caxiense naquele turbilhão eleitoral, junto aos mecanismos de controle da ordem estabelecida.

PALAVRAS-CHAVE

Aluísio Lobo. Poder local. Conchaves político-partidários.

Introdução¹

Este artigo decorre da percepção de que trabalhos referente à chamada Nova História Política (oriunda da década de 1970), são relegados a uma certa invisibilidade, negligência, ou até mesmo, ausência de fomento de pesquisa, sobretudo, no âmbito acadêmico. Em termos de produções, circulações e divulgações no tocante às suas novas abordagens, dimensões, problematizações e objetos de estudo, em detrimento à História Social ou Cultural, por exemplo. Somado a produção de biografias, gestadas dentro do campo histórico.²

Visto que, um dos grandes desafios da ciência política na atualidade é despertar nos estudantes das Áreas Humanas (sobretudo, da História), o gosto e o interesse pelo estudo político, principalmente, referente às teias e relações de poder conflituosas e existentes no mundo político ainda mais, na perspectiva historiográfica da Escola dos Annales (1929-1989), com a ampliação das fontes históricas e das novas perspectivas de pesquisas e análises.

Com isso, a retomada de estudos de sujeitos políticos do regime civil-militar brasileiro, e suas atuações e trajetórias públicas na sociedade, serão norteadores para aguçarmos esse revisionismo bibliográfico em questão, sobretudo, na atual conjuntura política nacional que resgata a simpatia militar perante à população brasileira, decorrente do descrédito e empatia pela política, que vem à tona constantemente.

Nesse sentido, por meio desta pesquisa acadêmica, que se encontra em andamento, pretendemos propiciar algumas reflexões em torno do cenário político da cidade de Caxias, localizada ao leste do estado do Maranhão. Sendo notória nas décadas de 1960 a 1980, pelo seu apoio ao regime institucionalizado pelo Golpe militar de 1964. Assim, a nível local, a cidade abordada era governada pelo então prefeito municipal Aluísio Lobo, um militar de caráter autoritário que chefiava a polícia local e comandava o diretório municipal da Aliança Renovadora Nacional (ARENA), partido governista.

Concomitantemente a esse contexto político-partidário em Caxias, encontrava-se no governo do Maranhão, o então civil, José Sarney, que fora governador do estado, entre 1965 a 1970, com o projeto denominado de: “Maranhão Novo” (Programa de governo, com políticas públicas direcionadas à saúde, educação, estradas, e outras áreas/setores).

1 Este artigo é uma produção acadêmica, cujos resultados estão em andamento, sendo oriunda da disciplina de História do Maranhão Republicano, cursada no semestre 2019.1, e vinculada ao Curso de Licenciatura Plena em História da Universidade Estadual do Maranhão-UEMA/Campus Caxias.

2 Ver também Benito Bisso Schmidt, “História e Biografia”, in: *Ciro Flamarion Cardoso, Ronaldo Vainfas (Org.), Novos domínios da história*, Rio de Janeiro, Elsevier, 2012.

Ou seja, com isso discutiremos o contexto político da época, brevemente, centrado no sujeito histórico, como objeto desta análise parcial, isto é, Aluísio Lobo (prefeito de Caxias, entre 1966-1970, e 1977-1983). Logo, este trabalho não se trata de uma biografia histórica, embora tenha como base a trajetória pública do referido ex-prefeito e ex-militar caxiense.³ E sim, sua representatividade imagética e personalista, tanto através da imprensa, quanto de suas relações de poder tecidas em ambiência local, regional e nacional.

Nesse percurso, em termos teórico-metodológicos, partimos de uma pesquisa bibliográfica, de cunho qualitativa, com ênfase em: Capelato (1988); Dosse (1990), Rémond (2003), Napolitano (1998), Piccolo (2015), entre outros. Bem como, uma pesquisa hemerográfica, ainda em execução, a partir da consulta nos seguintes periódicos caxienses: “O Pioneiro” (1976), “O Nosso Jornal” (1986), e “Jornal da Cidade” (1986). Estes jornais impressos e mapeados, foram escolhidos por serem os periódicos de maiores circulação em Caxias durante o recorte temporal investigado.⁴

Posto que, os jornais enquanto fontes históricas, são considerados dispositivos culturais de aproximação ao objeto investigado em determinada temporalidade. Carregados de intencionalidades e predominantemente, condicionados a uma instrumentalidade política, partidária e ideológica em contextos específicos, onde se encontram: “projetos políticos e visões de mundo representativas de vários setores da sociedade”⁵ Além disso, ainda estamos pesquisando e consultando documentos oficiais do estado, como Atas, Relatórios, Ofícios e Resoluções, disponíveis fisicamente no Arquivo da Prefeitura e da Câmara Municipal de Caxias, referente ao objeto de estudo analisado.

Novas abordagens, dimensões, discussões e reflexões

O retorno da História Política, a partir da Nova História Cultural é de essencial relevância para múltiplas abordagens historiográficas, no que tange à ampliação de objetos de estudos, como as massas populares, a eleição, e até mesmo os sujeitos políticos, uma vez que durante muitos anos a História Política teve seus estudos voltados para os grandes feitos e grandes homens à serviço do Estado. Nesse sentido, esta história “factual, subjetivista, psicologizante, idealista”,⁶ deveria ser suplantada, e assim, possibilitar um novo espaço político, a ser visto como o reflexo de questões

3 François Dosse, *O desafio biográfico: escrever uma vida*, Trad. Gilson César Cardoso de Souza, São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo, 1990.

4 Maranhão, Secretaria de Estado da Cultura, *Catálogo de Jornais Maranhenses do Acervo da Biblioteca Pública Benedito Leite: 1821-2007*, São Luís, Edições SECMA, 2007, http://casas.cultura.ma.gov.br/portal/sgc/modulos/sgc_bpbl/acervo_digital/arq_ad/20141106110747.pdf, acesso em 12 fev. 2022.

5 Maria Helena Capelato, *Imprensa e História do Brasil*, São Paulo, Contexto/EDUSP, 1988. p. 34.

6 René Rémond (Org.), *Por uma história política*, Rio de Janeiro, FGV, 2003, p. 18.

que perpassam toda a sociedade. Logo:

O político não constitui um setor separado: é uma modalidade da prática social. As pesquisas sobre o abstencionismo, os estudos sobre a sociabilidade, os trabalhos sobre a socialização, as investigações sobre o fato associativo, as observações sobre as correspondências entre prática religiosa e comportamento eleitoral contribuem para ressaltar tanto a variedade quanto a força das interações e interferências entre todos esses fenômenos sociais. Se o político deve explicar-se antes de tudo pelo político, há também no político mais que o político. Em consequência, a história política não poderia se fechar sobre si mesma, nem se comprazer na contemplação exclusiva de seu objeto próprio.⁷

Isso infere afirmar que, os enigmas da História Política, são decifráveis na perspectiva do historiador, sobretudo, mediante a uma nova tendência historiográfica, a Escola dos Annales (1929-1989), pois a história: “[...] de fato não vive fora do tempo em que é escrita, ainda mais quando se trata da história política: suas variações são resultados tanto das mudanças que afetam o político como das quais dizem respeito ao olhar que o historiador dirige ao político”⁸. Isto é, o historiador é integrante do processo de construção histórica da realidade analisada, isso porque o mesmo deve selecionar, recortar e analisar o que será escrito.

Com isso, é essencial reportarmos, respectivamente à conjuntura brasileira, maranhense e caxiense, em meados da década de 60 a 80 do século XX, período este caracterizado como: “Uma verdadeira instabilidade política que afeta nossas instituições estatais, pois em 1964 o Brasil entrava, assim, na era do ‘regime militar’, que não só afetou a face política do país como acabou por transformar outros aspectos da vida nacional”⁹.

Um ínterim, que favoreceu as rearticulações políticas e a institucionalização do golpe militar, com o apoio de segmentos da sociedade civil-organizada (setores conservadores), capitaneado por um marechal do Exército, o Sr. Castelo Branco, numa perspectiva na qual esperavam que: “[...] o novo governo seria apenas uma solução passageira, para limpar o país da corrupção, da subversão e retomar o crescimento econômico o que fez de Castelo Branco o nome mais aceitável pelas elites políticas e econômicas que apoiaram o golpe [...]”¹⁰.

Nessa ambiência nacional, as disputas acirradas, a intervenção militar e o apoio midiático, foram decisivos para legitimar o novo governo, além dos mecanismos de manipulação da opinião pública e repreensão policial aos opositores do regime civil-militar instaurado pelo golpe de 1964. Consoante a isso, em 1965, o Maranhão passava por eleições estaduais, numa transição vitorinista (oligarquia maranhense comandada pelo pernambucano e senador federal Vitorino Freire, entre 1945-1965),

7 Rémond, *Por uma história política*, p. 35-36.

8 Rémond, *Por uma história política*, p. 22.

9 Marcos Napolitano, *O regime militar brasileiro: 1964-1985*, São Paulo, Atual, 1998, p. 8.

10 Napolitano, *O regime militar brasileiro*, p. 15-16.

para uma ascensão sarneísta, em que se emergia “[...] o candidato do progresso e da ruptura com o passado atrasado e oligarca”.¹¹

Isso implica dizer que, o candidato José Sarney marcou sua campanha estadual com um discurso de renovação. Mas, na realidade o que se desenhava no Maranhão era um paradigma “[...] de competição intra-oligárquica cujo principal palco a nível estadual foi a ARENA, incluindo a disputa entre as facções pelo controle dos diretórios (estaduais e municipais) do partido e a vitória nas eleições legislativas municipais.¹²

E apesar do desfecho militar de 1964, as eleições no estado não foram afetadas, pelo contrário: “A destituição de João Goulart pelo Golpe Empresarial-Militar em 1964 não enfraqueceu as bases da candidatura Sarney [...]. As relações entre Castelo Branco e Sarney, como veremos a seguir, foram fundamentais para a vitória em 1965”.¹³

Diante disso, percebemos que José Sarney (jovem político udenista) era um grande cacique político e admirável por suas articulações e estratégias. Por exemplo, o político era tido enquanto oposição no Maranhão frente à Vitorino Freire, e numa pretensa temeridade em perder as eleições de 1965, o futuro governador se aproxima dos militares e consegue obter a chancela para o comando do executivo estadual, entre 1966-1970. Nisso:

É interessante refletir sobre os mecanismos de viabilização de poder, pois o Sarneísmo representou meramente uma: substituição de um grupo oligárquico por outro. Estava em processo de consolidação, na década de 1960, uma sólida rede de poder que manteve suas engrenagens em pleno funcionamento por mais de cinquenta anos.¹⁴

Em outras palavras, o Maranhão em meados de 1960, passa das mãos da Oligarquia Vitorinista, que vingou no estado nas décadas de 1940 a 1950 brilhantemente, com o apoio sobretudo, dos ex-presidentes Eurico Gaspar Dutra e Getúlio Vargas; para as mãos do jovem maranhense José Sarney, que inicia uma nova era de transformações no estado, tal como a implantação e reorganização de uma nova oligarquia, o chamado Sarneísmo. Sendo José Sarney, amparado pelas Oposições Coligadas. Isto é, um conjunto de partidos (Partido Social Progressista/PSP; União Democrática Nacional/UDN; e Partido Republicano/PR), de oposição à antiga Oligarquia Vitorinista, que controlava o Partido Social Democrático/PSD e o Partido

11 Monica Piccolo, “O Sarneísmo rumo ao Poder: disputas eleitorais e o projeto Maranhão Novo”, in: Monica Piccolo, Mariana Sulidade (Org.), *Maranhão republicano em foco: imprensa e historiografia*, São Luís, Editora Shalom/EDUEMA, 2015, p. 77.

12 Wagner Cabral da Costa, “Novo Tempo/Maranhão Novo: Quais Os Tempos Da Oligarquia?”, in: Moisés Matias Ferreira de Sousa (Org.), *Os outros segredos do Maranhão*, São Luís, Editora Estação Gráfica, 2002, p. 10.

13 Piccolo, “O Sarneísmo rumo ao Poder”, p. 79.

14 Piccolo, “O Sarneísmo rumo ao Poder”, p. 82.

Trabalhista Brasileiro/PTB, no Maranhão.

Caxias, o Maranhão e as eleições de 1965

Em relação aos municípios maranhenses, é salutar destacarmos a cidade interiorana de Caxias, que no decorrer de todo o Regime Militar (1964-1985) se comportou com conveniência, conforme o posicionamento político da capital (São Luís), ou seja, aceitação e apoio durante os 21 anos de vigência ditatorial, ensejo para a ascensão da representatividade militar, do tenente mais temido e perverso da “Princesa do Sertão” (alcunha para Caxias), posto que:

Surge o grande mito da política de Caxias, o carismático Aluísio de Abreu Lobo, Deus para uns e o diabo para outros [...] Caxias teria que ter um representante do movimento a fim de que fosse debelado qualquer movimento contrário ao poder revolucionário e também da necessidade de ter algum responsável pelas prisões de suspeitos de movimentos anteriores a fim de serem ouvidos e prestarem seus depoimentos. E no momento, o Sr. Aluísio Lobo, homem dono do cartório, pecuarista já com seus cinquenta anos, tenente R-2 e diretor do Tiro de Guerra-194 com seu comportamento militar, era o homem ideal para representar Caxias e assim aconteceu.¹⁵

Com isso, notamos que a administração pública do referido prefeito, se adequava aos interesses do regime, consonante com a legitimidade de atuação política através da elite caxiense e do controle do partido militarizado da cidade, a ARENA.

Nesse ensejo, às eleições municipais de 1965, ainda ocorreria:

[...] pelo velho sistema de partidos, o pluripartidarismo em que se encontravam os seguintes partidos: PSD, PTD, PSB e PRP, exceto o PCB, extinto antes pelo governo Dutra, quando do rompimento com a URSS. As eleições diretas de 1965 deram a Aluísio Lobo seu primeiro mandato de prefeito de Caxias, que iniciou em 1966 e terminou em 1970. Aluísio de Abreu Lobo, o homem ideal para instituir o regime em Caxias, através de um aparelho político genuinamente militar, dono do Cartório local em Caxias, militar e tenente de segunda classe, assumiu o controle da ARENA, depois de eleito como prefeito. Seu Vice-Prefeito ficou o médico Dr. Brandão pelo Partido Social Democrata-PSD [...].¹⁶

Outras questões a serem levantadas eram as constantes denúncias de fraudes eleitorais em Caxias, considerada uma grande problemática desta pesquisa histórica, como por exemplo, a ausência de cédulas ou quaisquer materiais referente ao processo eleitoral da época, o que leva a gerar ainda mais dificuldades de se com-

15 Jacques Inandy Medeiros, *Fragments da História Política de Caxias e do Maranhão*, São Luís, Visual Mídia & Marketing, 1996, p. 33.

16 Francisco Pereira de Sousa, *Partidos Políticos em Caxias: ARENA e as Elites no poder através do bipartidarismo puro*, Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História), Centro de Estudos Superiores de Caxias, Universidade Estadual do Maranhão, Caxias, 2011, p. 32.

preender estudos que versem sobre a temática abordada. Por exemplo, durante um recenseamento determinado pelo Tribunal Superior Eleitoral (TSE), descobriu-se que mais de 200 mil eleitores não existiam no Maranhão, sendo corroboradas as fraudes denunciadas naquele pleito de 1965, tanto para disputa municipal quanto estadual.¹⁷

Enquanto isso, em Caxias, as prisões e conduções coercitivas eram realizadas sob o comando de Aluísio Lobo, homem de confiança dos militares e tenente do Exército (R-2), que na época atuava como diretor do Tiro de Guerra-191. Assim, suas ações visavam identificar e neutralizar quem era considerado perigoso pelo regime civil-militar no município. De forma complementar, "Houve também no município perseguições políticas por posturas ideológicas, ocasionando prisões de alguns sindicalistas e a cassação do mandato do vereador caxiense Edson Vidigal (PSP), que tinha posicionamento progressista".¹⁸

Adiante, a Aliança Renovadora Nacional (ARENA), na cidade, se configurava enquanto partido militar de maior ênfase regional, ou melhor, como um partido de elite, dos conservadores, das famílias tradicionais, tanto urbanas/empresariais, quanto as rurais/latifundiários locais. Para além disso, as duas maiores lideranças municipais tornavam-se cada vez mais imbatíveis por seus conchaves e influências expandidas, uma verdadeira demonstração de forças, como é "o caso entre o prefeito Aluísio Lobo e seu Vice-Prefeito José Brandão (MDB)".¹⁹ Concomitantemente a esse processo, o regime nacional lograva êxito na região interiorana do Maranhão, com representantes militares nas prefeituras municipais. Com isso, cabe reiterar que, o pluripartidarismo fora extinto em 1967, retornando somente em 1979, nesse ínterim, predominou-se o bipartidarismo entre ARENA - situacionista, versus o Movimento Democrático Brasileiro (MDB) - oposicionista.

Nessa lógica, evidenciamos uma particularidade da política articulada em 1965 em torno do candidato municipal, Aluísio Lobo. Que parte das alianças costuradas a nível estadual, pelos políticos vitorinistas (que apoiavam a candidatura de Renato Archer para o governo do estado), políticos das Oposições Coligadas (que apoiavam a candidatura de José Sarney), e políticos liderados pelo deputado estadual Aldenir Silva (do Partido Democrata Cristão/PDC, que apoiava a candidatura de Costa Rodrigues).²⁰

Estes três segmentos político-partidários ora descritos, embora mantivessem projetos de poder distintos ao governo estadual, passaram a apoiar a nível municipal, Aluísio Lobo, visto como o candidato à prefeitura de Caxias. Tal escolha, devia-se ao fato dos grupos ora retratados terem receio e medo de retaliações por parte dos

17 Benedito Buzar, *O vitorinismo: lutas políticas no Maranhão*, São Luís, Lithograf, 1998.

18 Francisco das Chagas da Cruz Pereira, *Ascensão política de Paulo Marinho em Caxias na década de 1980*, Dissertação (Mestrado em História), Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2017, p. 27.

19 Sousa, *Partidos Políticos em Caxias*, p. 33.

20 O NOSSO JORNAL, 20 a 31 mai. 1986, p. 3.

militares e da identificação com os propósitos autoritários do novo regime político. Por outro lado, o caráter desta união pode ser atribuída, em uma busca de obterem “vantagens políticas para se manter[em] no poder”.²¹

Naquele contexto efervescente, é sabido que Aluísio Lobo era amigo pessoal do então presidente, o marechal Castelo Branco.²² Logo, em 1965, o primeiro passo para sua campanha obter êxito, foi construir e divulgar junto ao eleitorado caxiense seu perfil administrativo e competente, visto que pouco antes, o mesmo ocupou a diretoria do Colégio Caxiense (instituição de ensino privado de Caxias). Uma escola modelo onde estudava os filhos da elite local e de municípios adjacentes. Logo, a gestão de Aluísio Lobo nesse cargo deu subsídios aos coordenadores de sua campanha eleitoral, para projetá-lo ao Executivo Municipal, através de sua retórica pessoal e experiência administrativa.

E é claro, para obter vitória nas urnas de 1965, Aluísio Lobo tivera que cooptar e apoiar-se à imprensa local, que exercia o papel de persuasão popular, ao legitimarem a instauração do golpe militar-civil de 1964, e enaltecerem os feitos e qualidades dos militares, e o espírito patriótico-nacionalista na região.

Por exemplo, o jornal caxiense “O Pioneiro”, expressava que os conchaves de Aluísio Lobo era uma união e um ato simbólico de adesão à “Revolução” de 1964 que teria consequentemente, livrado “todos das angústias de um tempo que jamais voltará”.²³ Ouseja, ao tempo anterior a 1964, marcado pelas influências e proximidades constantes do ex-presidente João Goulart com a União Soviética e a China – países vistos como comunistas. O que se configurou como uma verdadeira ameaça aos setores conservadores do Brasil – militares, católicos, famílias tradicionais etc.

Nesse sentido, sobre suas estratégias de campanha eleitoral que acabaram por o definirem como um grande populista, Aluísio Lobo exercera também uma espécie de política de pão e circo, a fim de ampliar e conquistar seu eleitorado, pois:

Durante e após a campanha, já como prefeito, promovia reuniões e encontros com populares, seguidos de farta distribuições de produtos de utilidade domésticas (facas, sabão, caixas de fósforo etc.) e outros ‘presentes’, arremessados de cima do palanque, após o término do seu discurso. Essa prática acabou se tornando uma de suas marcas enquanto político. Assim, garantia grande público em seus encontros e comícios, pessoas movidas pelo desejo de serem contempladas com os presentes.²⁴

21 David Fleischer, “Manipulações casuísticas do sistema eleitoral durante o período militar, ou usualmente como o feitiço se voltava contra o feiticeiro”, in: Gláucio Ary Dillon Soares, Maria Celina D’Araújo (Org.), *21 anos de regime militar: balanços e perspectivas*, Rio de Janeiro, Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1994, p. 15.

22 Pereira, *Ascensão política de Paulo Marinho em Caxias na década de 1980*, p. 12.

23 JORNAL O PIONEIRO, 1 ago. 1976, p. 1.

24 Pereira, *Ascensão política de Paulo Marinho em Caxias na década de 1980*, p. 28.

Essa distribuição de presentes, era realizada de forma de recompensa pelos votos recebidos, distorcendo o sentido idealizado para a representação política.²⁵ Assim, Aluísio Lobo ao criar expectativas na população, acabava por reforçar a concepção do voto, como moeda de troca para obtenção de benefícios pessoais, numa verdadeira teia clientelista, permeada de barganhas. Seus opositores no entanto, sempre questionavam e criticavam a forma de fazer política do então candidato abordado, no que se refere a origem dos recursos para compra de produtos, sejam oriundos de seus proventos pessoais ou dos cofres públicos.

Na imprensa, peculiarmente um dos poucos jornais que fazia oposição aos seus (des) mandos, dava a entender que tais produtos seriam “comprados com dinheiro da Prefeitura”.²⁶ O que caracterizava claramente, a máquina da fraude e seu uso patrimonialista, bem como a corrupção e a cooptação de eleitores, a maioria analfabetos, ou desprovidos de uma consciência política, e alimentados pelo personalismo carismático e populista de Aluísio Lobo²⁷ e suas atuações contraditórias e de caráter autoritária na efervescência do regime militar-civil nacional.

Aluísio Lobo: trajetória e atuação político-partidária no âmbito municipal

Mas, afinal, quem foi Aluísio Lobo? Conforme seu perfil biográfico:

[...] nasceu em Caxias a 2 de março de 1917, filho de Anfrísio Leandro e Rosina Frazão de Abreu Lobo. Sua formação escolar primária foi cursada no Grupo Escolar João Lisboa e concluída em 1931; a formação ginasial, foi concluída no Colégio Caxiense em 1940, encerrando aí seus estudos e completando seus conhecimentos com aperfeiçoamento, como Estágio de Aspirante a Oficial, promovido pelo 24º Batalhão de Caçadores em São Luís (MA), em 1946; Seminários para Prefeitos pelo Escritório Técnico de Administração Municipal do Maranhão e Administração Municipal promovido pelo Departamento de Estrada, nos Estados Unidos da América. Em sua vida profissional foi Serventuário da Justiça, nomeado pelo Governo do Maranhão e, em seguida, foi aprovado em concurso público em 1940. Em 1941, foi nomeado Serventuário vitalício da Justiça pelo Interventor Federal do Maranhão em Caxias. Exerceu o cargo de Diretor do Tiro de Guerra de 1946 a 1968 sob os números 194 e 10-002. Agente Itinerário de Recenseamento e por ato do Governo do Maranhão passou à disposição da Inspetoria Regional e Estatística do Maranhão em 1950. Integrou o Departamento de Terras, Geografia e Colonização do Estado do Maranhão como diretor desse órgão. Oficial do Exército Brasileiro, no posto de 2º Tenente da Arma de Infantaria, de 2ª classe, a contar de 31 de maio

25 Roger Chartier, *A História Cultural: entre práticas e representações*, Trad. Maria Manuela Galhardo, 2. ed., Lisboa, Difel, 2002.

26 JORNAL DA CIDADE, set. 1986, p. 4.

27 Daniel Aarão Reis, “O colapso do colapso do populismo ou a propósito de uma herança maldita”, in: Jorge Ferreira (Org.), *O Populismo e sua história: debate e crítica*, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2001.

de 1946, conforme Patente do Presidente da República de 11 de junho de 1959. Conselheiro do Tribunal de Contas do Maranhão.²⁸

Isto é, conforme o exposto acima, Aluísio Lobo é um verdadeiro filho da terra e tido enquanto ilustre, que deixou um legado histórico à cidade, sobretudo, à frente da prefeitura (primeiro mandato, 1966-1970, e no segundo mandato 1977-1983), com seus feitos administrativos, principalmente, relacionados ao expansionismo urbano e às obras públicas concretizadas. Referente a isso:

Foi na década de 1960 que a cidade cresceu para o leste, antes se estendia até o bairro Cangalheiro o qual leva esse nome devido um artesão de cangalha que vivia por lá, depois do Cangalheiro nasce a Volta Redonda. O governo de Aluísio Lobo, de 1966 a 1969, contribuiu relativamente para o crescimento da cidade (Êxodo Rural). Ruas foram abertas, calçadas asfaltadas, terras desapropriadas. Vários bairros surgiram, o tenente foi responsável pela Usina de asfalto de Caxias até então não existente no Município de Caxias. Foi naquele governo que a cidade tomou seus primeiros aspectos de modernidade, com praças, o mercado central, o prédio da prefeitura, o novo prédio de Câmara e Vereadores e os primeiros postos médicos.²⁹

As menções de cunho biográficas abordadas, o apontam como sendo um homem imbuído de espírito público, apesar de uma imagem contraditória em lidar com determinadas situações e a maneira que perseguia seus algozes. Sobre seu primeiro mandato municipal, em 1966, quando assume o cargo de prefeito de Caxias, José Sarney também tomava posse como novo governador do estado. “Por meio de Alexandre Costa, Aluísio Lobo teve livre acesso ao novo governo, recebendo apoio político e recursos estaduais para sua administração, o que lhe deu mais prestígio entre as lideranças políticas locais”.³⁰ Nesse sentido, ambos políticos, amigos pessoais e aliados partidários, filiados à ARENA e governistas, criaram estratégias para impedir a ascensão de lideranças independentes no âmbito municipal, consideradas indesejáveis.³¹

Ao mesmo tempo, Caxias possuiu um governante que se voltava para a cidade, e para os negócios das comunidades mais carentes, a exemplo do vereador de oposição, Edson Vidigal. Em contrapartida, o segundo governo de Aluísio Lobo “começa em 1977, mas ele governa três anos em arrastado e desgastado mandato. A massa, insatisfeita com o regime militar-civil, pressiona o governo e de certa forma a dá resposta de uma participação que era possível [...]”.³²

No plano econômico, por sua vez, entre 1984 a 1985, Caxias começou a sofrer os efeitos agudos da alta inflação do país e apresentou uma crise de abastecimento

28 Milson Coutinho, *Caxienses ilustres: elementos bibliográficos*, São Luís- MA, Lithograf, 2002, p. 47-48.

29 Sousa, *Partidos Políticos em Caxias*, p. 36.

30 Pereira, *Ascensão política de Paulo Marinho em Caxias na década de 1980*, p. 31.

31 Medeiros, *Fragmentos da História Política de Caxias e do Maranhão*, p. 74.

32 Sousa, *Partidos Políticos em Caxias*, p. 36-37.

de alguns produtos essenciais, como carne e leite, que quando encontrados tinham preços acima do mercado. Nesse ensejo, outro litígio que Aluísio Lobo tivera que enfrentar eram as disputas fundiárias entre lavradores e proprietários de terras, na zona rural. O que dificultava o avanço da agricultura rudimentar e o avanço da economia no campo. Sendo um dos principais empecilhos enfrentados pelo ex-militar à frente do Executivo Municipal em seu segundo mandato.

Nessa óptica, a política brasileira, e em especial, a caxiense é marcada por acontecimentos conforme as relações e forças de poder inerentes ao homem em meio social. Tanto quanto, a gestação de lideranças político-partidárias, uma vez que o uso de elementos biográficos inseridos no conhecimento histórico apresentam características peculiares e verdadeiros percalços teórico-metodológicos, e claro, positivamente, um caráter interdisciplinar e uma história-problema que vinga até hoje no meio acadêmico.

Posto isso, é essencial um estímulo ao público acadêmico, no despertar ao interesse político local e suas múltiplas dimensões e viabilidades, encontradas no município abordado, no tocante à perspectiva eleitoreira, e às práticas fraudulentas que ainda predominam, a fim de manipularem os cidadãos eleitores e suas convicções político-partidárias, além, da politização de uma sociedade persuadida aos ditames de caciques políticos e de suas máquinas partidárias, por sua vez, somando-se aos dispositivos de controle sociais e midiáticos.

Além disso, a necessidade de suprimos a carência de informações sobre o cenário político e seus representantes em tempos remotos, é imprescindível para a produção historiográfica regional. Assim, elementos biográficos são agregados ao campo do conhecimento histórico pelo viés renovador da observação, pesquisa e análise histórica contemporânea.

Considerações parciais

Em suma, concluímos parcialmente que, esta é uma produção que visa valorizar e ampliar os estudos políticos sobre Caxias, a partir de um olhar crítico-reflexivo ao depararmos com fontes hemerográficas (periódicos caxienses), imbuídas de persuasões e relações de poder, que atendem a determinados indivíduos, grupos ou sociedades específicas.

Portanto, o que percebemos é a ausência de um maior fomento e diálogo entre a História e a Biografia – enquanto gênero literário e auxiliar ao campo histórico, sendo possibilitado pelo subcampo da Nova História Política, em prol de moldarmos um sujeito histórico (em um sentido amplo, e possível do regime de historicidade). Para além disso, tecermos uma escrita que tente compreender uma conjuntura mi-

litar e partidária específica, agregada aos feitos administrativos de Aluísio Lobo, tal qual a relevância e o papel desempenhado pela imprensa caxiense, que contribuiu significativamente para a propagação imagética e emblemática deste ex-tenente do exército e ex-gestor municipal.